



O Candeeiro

A diversidade de produção da família de Manoel Félix

Manoel Félix da Cunha tem 53 anos e vive com sua família desde o ano 2000 em Barreirinho, município de Pilão Arcado que fica a 72 quilômetros da cidade. É diretor e delegado sindical da região da Lagoa do Padre. Hoje somente os filhos mais jovens moram com a família, Mailson, de 15 anos e Márcio, de 14 anos. O mais velho, Jailton, mora em São Paulo. As 03 filhas, Márcia, Marciana e Marli Dominga, juntamente com Marlon, moram em Juazeiro.

Vivia na terra de seu pai, numa pequena área que dividia com seus 12 irmãos. A parte de Manoel não chegava a 40 hectares. A família de sua esposa convidou para irem ocupar uma área que a CDA, Coordenadoria de Desenvolvimento Agrário, em breve estaria concedendo título de posse. Conseguiram 112 hectares numa área de reserva de caatinga que preservam com muito apreço. Manoel afirma que de toda área só desmatou 3 hectares para plantar. Mantém as umburanas, juazeiros, aroeiras, angicos e umbuzeiros dentro da roça. Diz ter aprendido com os mais velhos que são árvores que chamam chuva. E que na época da seca, os umbuzeiros, surucuços e juazeiros criam as abelhas, além de servirem de sombra para os animais.

Diz que sente emoção só em falar sobre a convivência com o Semiárido, das alternativas de se viver no sertão. Enfrenta diariamente uma luta forte junto com sua família para manter a produção em sua propriedade. Agradece a Deus por tudo que tem, por sua vida e de sua família ser organizada. Conhecer experiências de



Maria, Manoel, Márcio e Mailson no quintal

outros agricultores e da EMBRAPA no Semiárido Show, que participou através do Sindicato, Manoel diz que é uma forma de se encher de força e estímulo. O que viu ficou impressionado e deseja experimentar algumas alternativas em sua propriedade, mas sabe que terá que enfrentar desafios.

Cria abelha para consumo da família. Possui apenas 3 caixas. Há três anos fez um plantio de caju, onde coloca as caixas de abelha. Atualmente as caixas estão próximas da casa para aproveitar as flores das mangueiras e dos canteiros. Manoel conta que no ano passado produziu 7 sacas de castanhas, cada uma com 60 quilos. Conseguiu apurar em torno de 360 reais. Plantou os cajus no meio da mandioca e teve bom resultado. Mas como plantou os pés distante um do outro, pretende em breve ampliar seu plantio cobrindo essas áreas abertas para aproximar as distâncias e facilitar o manejo.

Para os animais faz produção de ração com



Cajueiros geram alimento e renda à família, além de florada para as abelhas

plantas forrageiras. Usa a leucena, andu, palma, milho, mandioca e faz ração no terreiro de raspa comunitário. Criam cocás, galinhas e perus. Ao todo são 21 aves. Os ovos são para consumo da família e vendem na feira. As aves são alimentadas com milho puro ou misturado à ração, que é um concentrado com andu, mandioca, leucena, sendo o milho 60% do composto.

Família amplia cultivos no quintal

Em 2004 conseguiu a cisterna de consumo humano pela AP1MC e Sindicato, mas através de empréstimo bancário construiu mais outra de 22 mil litros. A família ganhou uma cisterna de produção, enxurrada, capacidade para 50 mil litros, em 2008. Cultiva cebolinha, coentro, alface, pimentão, tomate, couve, beterraba, pimenta de cheiro tanto na área da cisterna como nos canteiros suspensos que ficam próximos a cacimba. É uma forma de preservar a água da cisterna. Quem cuida mais dos canteiros é a sua esposa Maria leite da Cunha que tem 45 anos. Ela diz que conta com a ajuda dos filhos e esposo. Com entusiasmo relata que depois que ganharam a cisterna melhorou a qualidade de vida da família. Aumentou a diversidade de plantas no quintal e na alimentação. O lugar que mora é fraco de água, mas mesmo assim sempre gostou de cultivar canteiros em seu quintal. Só que agora com mais variedade. Além da família consumir, vende todos os domingos na feira que acontece no povoado próximo, Lagoa do Padre. Vende tudo o que leva. O que mais tem saída são o coentro, cebolinha, tomate alface e pimenta. Beterraba deu boa, mas é só para o consumo. Por mês conseguem um valor líquido em torno de 140 reais com a venda dos produtos na feira. Maria comenta que dá uma aliviada boa danada, pois é uma alternativa de melhorar a renda da família. Se tivesse mais fontes de água com certeza plantaria muito mais. Acrescenta que não usa nenhum tipo de veneno, apenas defensivos naturais e o adubo que vem das galinhas e do chiqueiro de cabra, ovelha e gado.



Maria molha canteiros suspensos com água da cacimba

Desafios, conquistas e sonhos

Desde que chegaram a terra plantam fruteiras, como a manga e banana-maçã. Molhavam com água do barreiro e quando o barreiro secava não molhavam. Com a chegada da cisterna de produção plantaram mais bananeiras, mas não foi pra frente porque estavam sem a tela de proteção. Manoel diz que não se esmoreceu, comprou tela e plantou mais 15 pés e já estão cheio de cachos. É alimento importante para a família. Dos antigos pés já vendeu uns 4 cachos na feira. No quintal tem outras fruteiras como a seriguela, acerola, goiaba, mamão, limão, laranja e maracujá.

O mamão serve para consumo da família, além de ração para os porcos que é cortado com tudo em pedaços e deve ser de vez. Está nos planos de Manoel plantar mais mamoeiros.

A família coloca várias conquistas. O título da terra, as 3 cisternas com uma capacidade para 100 mil litros de água, a produção diversificada, além da participação ao meio sindical. O sonho é aprimorar os seus conhecimentos em manejo com criação de caprinos, ovinos e bovinos e se organizar para formar os filhos mais novos em Técnicos Agropecuários.



Plantação de mandioca para consumo da família e fazer ração

Realização:



www.asabrasil.org.br



www.sasop.org.br

Apoio:

Ministério do
Desenvolvimento Social
e Combate à Fome

